

A missão da Igreja na (pós) pandemia da Covid-19: novas tarefas pastorais

Eliseu Donisete de Paiva Gomes *

Resumo

O objetivo da reflexão do presente artigo é apontar perspectivas eclesiais e pastorais para a missão da Igreja no contexto da pandemia tendo como referência as obras: *O Sinal das Igrejas Vazias* e *O Tempo das Igrejas Vazias*, do teólogo e filósofo tcheco Tomás Halík. Uma temática atual e muito relevante, pois a pandemia da Covid-19 tem provocado impactos profundos na sociedade mundial e também na práxis pastoral da Igreja. Espera-se que as reflexões aqui feitas possam ajudar a Igreja em sua tarefa evangelizadora, a fim de que sua práxis avance para águas mais profundas, saindo das suas fronteiras, e sendo no mundo um serviço a todos.

Palavras-chave: Covid-19. Práxis pastoral. Igreja. Reforma. Novas tarefas.

Abstract

The purpose of this article's reflection is to point out ecclesial and pastoral perspectives for the mission of the Church in the context of the pandemic, having as reference the works: *The Sign of the Empty Churches* and *The*

* Presbítero da Arquidiocese de Mariana/MG. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) Mariana-MG. Atualmente é Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte, MG.

Time of the Empty Churches, by the Czech theologian and philosopher Tomáš Halík. A current and very relevant theme, as the Covid-19 pandemic has had profound impacts on world society and also on the pastoral praxis of the Church. It is hoped that the reflections made here can help the Church in its evangelizing task, so that its praxis advances into deeper waters, going beyond its borders, and being a service to all in the world.

Keywords: Covid-19. Pastoral praxis. Church. Remodeling. New tasks.

Introdução

Diante de todas as profundas mudanças causadas pela pandemia da Covid-19 na sociedade mundial, a Igreja se vê desafiada por muitos e urgentes desafios pastorais. É importante se perguntar: O que esse tempo de pandemia está dizendo à Igreja com seus templos vazios e silenciosos? Não seria este um momento oportuno para purificação e aprofundamento? Quais são as novas tarefas que a Igreja é chamada a assumir nesse novo cenário? Estas e outras perguntas têm sido objeto de reflexão para o padre e teólogo tcheco Tomáš Halík, que em seus recentes escritos, *O Sinal das Igrejas Vazias* e *o Tempo das Igrejas Vazias*, tem feito provocações sobre o futuro do Cristianismo, da Igreja e sua práxis pastoral.

Tomáš Halík é considerado um dos grandes intelectuais católicos da Europa contemporânea. Nascido em Praga nos anos 40, ele fez a formação cristã na total clandestinidade durante o período da Tchecoslováquia comunista e anticlerical, tornando-se um dos rostos da "Igreja da Resistência", ou "Igreja do Silêncio", e foi ordenado sacerdote em segredo. Hoje, é um dos mais proeminentes teólogos e filósofos, embora viva num dos países mais ateus do mundo.

1. A Igreja precisa abrir-se para um novo agir

No seu ensaio intitulado *O Sinal das Igrejas Vazias: para um Cristianismo que volta a partir*, publicado em 2020, Halík começa sua reflexão apontando que a civilização mundial já se encontrava doente há muito tempo, bem antes da chegada da pandemia da Covid-19. O próprio Papa Francisco, no dia 27 março de 2020, durante o momento de Adoração ao Santíssimo com a bênção *Urbi et Orbi* na Praça São Pedro, ratificava essa constatação com as seguintes palavras em sua homilia:

Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos,

não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente (FRANCISCO, 2020).

Sem dúvida a pandemia da Covid-19 iria revelar da pior forma possível o mundo doente, vulnerável, extremamente marcado por inúmeras desigualdades sociais, por um sistema capitalista e liberal que prioriza apenas o lucro em detrimento da pessoa, os constantes atentados ao meio ambiente e graves crises ecológicas, que têm colocado a sobrevivência da raça humana em cheque.

Halík analisa que nesse cenário o fechamento temporário dos templos por causa da pandemia é um sinal de alerta importante para o futuro do Cristianismo e a missão evangelizadora da Igreja. Diz o teólogo: “Não culpemos as forças externas (o “tsunami secular”) pelas igrejas vazias, pois não nos demos conta de que se encerrava um capítulo da história do Cristianismo, e que é a hora de nos prepararmos para um novo” (HALÍK, 2020, p. 9).

As igrejas fechadas, vazias e silenciosas revelam a necessidade e a urgência para um profundo discernimento espiritual e pastoral sobre a identidade do Cristianismo e da Igreja. É preciso aproveitar desse momento como um *kairós* para rever opções eclesiais e pastorais, que diante do mundo contemporâneo, já perderam sua força, vitalidade e eficácia. A Igreja não pode continuar usando as mesmas respostas e práticas pastorais do passado para novos problemas do tempo presente. Essas práticas devem ser repensadas, atualizadas e algumas até mesmo abandonadas, pois tornaram-se obsoletas, e já não conseguem dialogar com a sociedade hodierna. É momento de superar um regime de cristandade que já não existe mais e abrir-se para um novo tempo que nasce, como recorda o Papa Francisco:

Irmãos e irmãs, já não estamos na cristandade! Hoje, já não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros nem os mais ouvidos. Por isso precisamos duma mudança de mentalidade pastoral, o que não significa passar para uma pastoral relativista. Já não estamos num regime de cristandade, porque a fé – especialmente na Europa, mas também em grande parte do Ocidente – já não constitui um pressuposto óbvio da vida habitual; na verdade, muitas vezes é negada, depreciada, marginalizada e ridicularizada. (FRANCISCO, 2019).

Nesse sentido, a primeira tarefa enfatizada por Halík é que a Igreja precisa fazer um autoexame de consciência que a conduza para uma nova mentalidade e um novo agir no mundo. É justamente o pedido do Papa Francisco, que compara a Igreja a “um hospital de campanha”, “acidentada, ferida e enlameada”, que não tem medo de se colocar a serviço de todos,

tendo sempre um olhar especial para os pobres e mais vulneráveis da sociedade.

Halík enfatiza que a Igreja deve também ser um espaço de busca, de imunidade, prevenção e recuperação. A Igreja enquanto lugar de busca deve ajudar as pessoas a realizarem não só experiências do encontro com Deus, mas de transformação em suas vidas; deve prevenir e trazer imunidade no sentido de purificar e curar um mundo marcado por tantas mentiras, teorias de conspiração, ideologias políticas, negacionismos que contaminam e matam tanto quanto a Covid-19; e por fim, ser lugar de recuperação das pessoas feridas no espírito, mas que precisam também de cuidados que devolvam a elas a dignidade, a esperança e o horizonte de dias melhores. É nessa perspectiva que Halík aponta novas tarefas para a Igreja:

Fazer diagnósticos (identificando os «sinais dos tempos»), fazer prevenção (criando um «sistema imunológico», numa sociedade em que se alastram os vírus malignos do medo, do ódio, do populismo e do nacionalismo), e fazer convalescência, ultrapassando os traumas do passado com o perdão. (HALÍK, 2020, p.7).

A Igreja deve abrir-se com coragem para os desafios que emergem desse tempo, e estar pronta para abraçar com ousadia as novas tarefas que, sem dúvida, permitirão que ela avance para águas mais profundas, colocando-se ainda mais como instrumento de serviço para uma humanidade mais justa, solidária e fraterna.

2. Igreja não para si mesma e aberta à reforma

Uma segunda tarefa pastoral destacada pelo autor sugere que as igrejas vazias evidenciam “um sinal e um desafio provenientes de Deus” (HALÍK, 2021a, p.8). A Igreja precisa sair do seu narcisismo eclesial, pois ela não existe apenas para si, ela é chamada a ser um convite a todos. Halík enfatiza que a missão da Igreja não pode ser apenas para os seus membros, mas “para toda a sociedade, ou então nunca será levada a sério pela sociedade” (HALÍK, 2021a, p.19). Como diz o Papa Francisco, “uma Igreja que se fecha em si mesma e no passado ou uma Igreja que olha somente para as pequenas regras de hábitos, de atitudes é uma Igreja que trai a própria identidade”. (FRANCISCO, 2013).

Nas últimas décadas a Igreja entrou num movimento de fechamento e isolacionismo, vivendo a sua missão mais para “dentro” (*ad intra*) do que para “fora” (*ad extra*), mais preocupada com os seus dogmas, com a instituição e os preceitos morais do que em sair das suas fronteiras.

Talvez este tempo de edifícios eclesiais vazios ponha simbolicamente em evidência o vazio escondido nas Igrejas e o seu possível futuro – se não fizermos uma séria tentativa de mostrar ao mundo um rosto do Cristianismo completamente diferente. (HALÍK, 2020, p. 9).

A Igreja precisa “ultrapassar os limites institucionais e mentais que caracterizavam o Cristianismo no passado, tornando a fé cristã um verdadeiro fermento do mundo, uma força vital espiritual de globalização, uma oferta universal e uma visão que seja fonte de inspiração” (HALÍK, 2021a, p.73). Essa segunda perspectiva pastoral faz eco ao pedido do Papa Francisco para uma “Igreja em saída”, que vá sem medo às “periferias existenciais e geográficas” da humanidade apresentando a Boa Nova de Jesus Cristo de um jeito novo, marcado pelo entusiasmo, pela alegria de ser cristão, e que seja capaz de tocar e curar o mundo ferido pela tristeza, pelo circuito do ódio e da indiferença para com o próximo, da falta de compaixão pelos mais pobres, da exclusão e miséria que aumenta cada vez mais a desigualdade social, e de tantas situações de injustiças e violência.

Halík insiste que para haver uma “Igreja em saída” ela precisa fundamentalmente de uma reforma, e por isso, propõe que esse tempo seja oportunidade para realizar uma “reflexão profunda e empenhada diante de Deus e com Deus” (HALÍK, 2020, p. 10). A Igreja não pode ter medo de entrar na dinâmica dessa reforma, que não deve ser apenas um verniz ou a tentativa de voltar a um passado que já não existe mais. Deve ser algo que reconduza a Igreja àquilo que é a sua identidade, o seu fundamento, isto é, a centralidade do Evangelho. Dentro dessa reforma se encontra também o problema em torno da escassez, da falta de sacerdotes em vários continentes, e o autor questiona se o melhor é realmente ficar importando padres de outros países. Não seria oportuno retomar com força os ministérios leigos dando a eles um alcance maior?

Estou convencido de que as nossas comunidades cristãs – paróquias, congregações, movimentos eclesiais e comunidades monásticas – deveriam procurar aproximar-se do ideal que deu origem às universidades europeias: uma comunidade de alunos e professores, uma escola de sabedoria na qual a verdade é procurada através da discussão livre e, também, da profunda contemplação. Estas ilhas de espiritualidade e diálogo poderiam ser a fonte de uma força capaz de curar um mundo doente. (HALÍK, 2020, p. 11).

3. Acompanhamento espiritual pessoal e diálogo com os “não-crentes”

Essa terceira tarefa chama a atenção para algo que é muito caro e fundamental na experiência do ministério sacerdotal e pastoral de Halík. Ele

acredita que o tempo pandêmico e pós-pandêmico deve suscitar na Igreja, de forma permanente, o cultivo e acompanhamento espiritual personalizados. Porém, esse ministério só poderá dar frutos se for precedido por “uma pré-evangelização, na forma de um cuidado sistemático pela cultura espiritual dos indivíduos e da sociedade, uma viragem de uma vida superficial acomodada para uma cultura de discernimento espiritual, responsabilidade por si próprio, pelos outros e pelo meio ambiente comum” (HALÍK, 2021a, p.19). O teólogo enfatiza que esse cultivo e acompanhamento espiritual não devem ser apenas para aqueles que frequentam as comunidades eclesiais, mas para todos, independentemente de ser crente ou não.

O ministério em questão não deve ser usado como uma arma para fazer proselitismo ou mesmo para gerar conversões instantâneas, mas deve gerar nas pessoas uma *metanóia*, ou seja, uma conversão da existência de uma vida superficial numa vida em profundidade.

O modelo desta vocação é o ministério dos assistentes espirituais, em particular nos hospitais e nas prisões. Com efeito, trata-se de um ministério que se dirige a todos os necessitados, não só aos «crentes», e que não tem por objetivo a «conversão» no sentido eclesial e religioso tradicional. (HALÍK, 2021).

O diálogo com os não-crentes é também uma importante tarefa para a Igreja, sobretudo em tempos de pluralismos. De acordo com recentes pesquisas, tem-se constatado de modo geral em toda a Europa, uma diminuição dos grupos que se identificam com a forma tradicional de religião e também os ateus dogmáticos, e tem aumentado o número dos que estão “à procura” (*seekers*). O teólogo classifica esse grupo como aqueles que sentem o desejo de algo que satisfaça a sua sede de significado, mas que rejeitam os tradicionais conceitos religiosos. Por isso, Halík afirma que a “Galileia de hoje, onde devemos procurar Deus que sobreviveu à morte, é este grupo dos que estão “à procura” (HALÍK, 2020, p. 12).

Essa proposta pastoral sem dúvida é muito exigente, mas ao mesmo tempo, extremamente necessária no cenário atual. Por isso, Halík propõe que o caminho para concretizar esse horizonte pastoral tem que passar inevitavelmente por um abandono de muitas das velhas ideias sobre Cristo e deixar de lado qualquer pretensão de prática proselitista.

O Ressuscitado é radicalmente transformado pela experiência da morte. Tal como podemos ler nos Evangelhos, mesmo as pessoas que lhe eram mais próximas e por Ele mais queridas não o reconheceram. Não devemos só tomar como boas as notícias à nossa volta, mas insistir em querer tocar as suas feridas. Por outro lado, onde estaríamos seguros de as poder encontrar senão nas feridas do mundo e nas feridas da Igreja, nas feridas do corpo que Ele assumiu sobre si? (HALÍK, 2020, p. 14).

4. Igreja para além do templo, dos ritos e sacramentos

Uma última tarefa pastoral, recorda à Igreja aquilo que os Evangelhos e a tradição ensinam que não é apenas o templo o lugar para encontrar Deus, e que os ritos e sacramentos, em especial a celebração eucarística, não são as únicas formas de alimentar o fiel. É preciso tomar consciência de que “o Cristianismo não existe só quando há velas no altar” (HALÍK, 2021), a graça de Deus não se esgota nos sacramentos e ritos, ela age também na vida diária de cada pessoa que pratica o bem, promove a paz, que tem seu momento de oração seja num templo, no quarto ou a caminho do trabalho, que exercita o perdão diante dos inimigos, que participa de uma celebração em família.

O autor, em sua reflexão, tem sido muito contundente afirmando que se “a nossa Igreja e nossa piedade não forem reformadas, convertidas, aprofundadas, em breve, muitas igrejas estarão vazias e fechadas para sempre” (HALÍK, 2021a, p.23). Isso sem dúvida é algo que deve impactar e levar a uma reflexão profunda do jeito de ser Igreja e viver a fé no cenário contemporâneo. “O que faz de um cristão um verdadeiro cristão quando o funcionamento da Igreja tradicional de repente deixa de funcionar?” (HALÍK, 2021a, p.13).

Com a pandemia os templos foram fechados, as celebrações e cultos tiveram que ser transmitidos de forma virtual. Uma medida paliativa para diminuir o sofrimento e a dor de tantos fiéis que gostariam de estar nos templos e participando de forma presencial das celebrações. Halík reconhece a importância das redes sociais usadas nas transmissões de Missas e catequeses nesse tempo pandêmico, no entanto, chama a atenção para que essa situação não seja algo permanente, mas uma exceção, porque ele acredita que a “presença real de Cristo na Eucaristia depende também da presença dos crentes” (HALÍK, 2021a, p.12). Esse tempo de confinamento, sem poder ir às igrejas e participar dos Sacramentos, de modo particular da Eucaristia, deve ser uma oportunidade para que os crentes vejam a liturgia e a Eucaristia de forma mais profunda, de sentir o quanto são essenciais às suas vidas, e que o virtual não pode substituir o real.

O banquete não pode ser substituído por um banquete à distância. A Eucaristia é a fonte vivificante da Igreja, enquanto comunidade, é um meio de comunicação não só com Deus, mas também com os outros: a celebração da Eucaristia é um banquete em que a presença real de Cristo no sacramento está ligada à presença real (e não virtual) dos fiéis. É na Eucaristia que somos recebidos por Cristo e, ao mesmo tempo, recebemos os nossos irmãos e é por eles e neles que recebemos o próprio Cristo. (HALÍK, 2021a, p.12).

Um outro aspecto pastoral nessa tarefa foi o resgate das famílias como “igrejas domésticas”. Este tempo favoreceu a muitas famílias a possibilidade para falar sobre a sua fé e a rezar de verdade em família. “Muitas vezes as famílias iam à igreja, tentavam viver de forma ética, mas nunca partilhavam as suas experiências interiores” (HALÍK, 2021). A casa, o lar tornou-se o lugar de culto, uma pequena igreja, onde cada família pode não só rezar mais, mas sobretudo partilhar as experiências pessoais de fé, perguntas e dúvidas. Claro que não se pode esquecer que durante a pandemia, a violência doméstica aumentou de forma assustadora, sobretudo contra a mulher. Ao dizer “igreja doméstica” não se quer fechar os olhos para os vários problemas existentes no seio das famílias, mas se deseja evidenciar experiências bonitas de fé, vida e esperança que se fortaleceram em muitas famílias ao longo da pandemia.

Por fim a Igreja é chamada sempre mais a repetir aquilo que Cristo disse: “Onde estão dois ou três reunidos no meu nome, aí estou Eu no meio deles” (cf. Mt 18,20). A presença de Cristo se dá em todos os lugares, e por isso, é preciso usar de criatividade que possa ajudar a alimentar a fé para além dos ritos e sacramentos. O teólogo recomenda um maior contato e intimidade com as Sagradas Escrituras e também o cultivo de uma vida de oração mais profunda. O encontro com Deus não é condicionado por lugares ou celebrações, mas é real e autêntico toda vez que seu amor é comunicado e enriquece a vida dos outros.

Todas as situações, são oportunidades e desafios. Claro que para algumas pessoas não aproveitam a oportunidade e não compreendem este sinal dos tempos, mas há também outras pessoas que são sensíveis e refletem sobre o que está a acontecer no nosso mundo, nos nossos corações. Penso que é um desafio procurarmos Deus em tudo. (HALÍK, 2021).

Considerações finais

Diante do cenário provocado pela pandemia da Covid-19, restam à Igreja em sua práxis pastoral duas atitudes: aceitar a realidade das igrejas vazias e silenciosas, aguardando a pandemia passar e voltar do mesmo jeito ou então acolher esse momento como um *kairós* para avançar para águas mais profundas e assumir as novas tarefas pastorais nesse novo cenário.

A Igreja pós-pandemia precisa superar a sua práxis pastoral centrada no modelo clássico de Paróquia e também com as formas tradicionais de sua atividade missionária e ser capaz de sair de suas fronteiras para um diálogo profundo com o mundo, sem se colocar na posição de quem apenas ensina, mas que está aberta a aprender com os outros.

No cenário de um mundo cada vez mais plural, secularizado e fragmentado, a Igreja precisa desempenhar um papel mais terapêutico, na

perspectiva da metáfora do Papa Francisco da Igreja como “hospital de campanha”, que não se preocupa apenas com os que fazem parte dela, com aqueles que têm fé, mas deve ser um serviço a todos, sejam católicos ou não, inclusive aos não crentes.

Por fim, que a Igreja não tenha medo de passar de uma evangelização centrada demasiadamente nos sacramentos, nos dogmas e no clero, para uma Igreja evangelizadora, que coloque no centro de toda evangelização o anúncio da boa nova do Reino trazido por Jesus Cristo, que passa em primeiro lugar pelo cuidado e atenção com os pobres, os pequenos, os vulneráveis; que tenha a Palavra de Deus e uma profunda espiritualidade como horizontes de toda atividade pastoral; que busque agir diante dos homens e mulheres de hoje como instrumento de solidariedade, de justiça e esperança, colocando-se sempre como defensora da casa comum e por um mundo diferente e melhor. Se a Igreja, na (pós) pandemia, caminhar nessa direção, terá condições não só de responder com prontidão às novas tarefas, mas agir com eficácia em toda a sua atividade evangelizadora.

Referências

HALIK, Tomás. *O Sinal das Igrejas Vazias*: para um Cristianismo que volta a partir. Prior Velho/Portugal: Paulinas, 2020.

HALIK, Tomás. *O Tempo das Igrejas Vazias*. Prior Velho/Portugal: Paulinas, 2021.

HALIK, Tomás. *Covid-19*: A Igreja também deveria ser uma solidariedade dos sacudidos, não apenas oferecer respostas simples. Lisboa: Agência Ecclesia, março de 2021. Entrevista concedida a Octávio Carmo. Disponível em: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/covida-19-a-igreja-tambem-deveria-ser-uma-solidariedade-dos-sacudidos-nao-apenas-oferecer-respostas-simples-padre-tomas-halik/> Acesso em: 01 de junho de 2021.

HALIK, Tomás. *Pandemia é um “desafio para a criatividade dos crentes”*. Lisboa: Rádio Renascença, março de 2021. Entrevista concedida a Maria João Costa. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/2021/03/13/religiao/pandemia-e-um-desafio-para-a-criatividade-dos-crentes-diz-padre-tomas-halik/noticia/229731/> Acesso em: 03 de junho de 2021.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Discurso à Cúria Romana em 29 de dezembro de 2019*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-12/papa-francisco-discurso-natal-curia-romana.html>. Acesso em 05 de junho de 2021.

FRANCISCO, Papa. *Catequese na Praça São Pedro em 16 de outubro de 2013*. Disponível em:

<https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/cateques-e-com-o-papa-francisco-16102013/>. Acesso em 30 de maio de 2021.

FRANCISCO, Papa. *Momento Extraordinário de Oração em tempo de Pandemia*. Homilia na Praça de São Pedro em 27 de março de 2020.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html. Acesso em 01 de junho de 2021.

KASPERS, Walter; AUGUSTIN, George (org.) *Demolição e Reconstrução*. Tempo de crise gravado na memória. Portugal: Paulinas, 2021.